

**NA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA



**15**

# ***APONTAMENTOS***

*de Arqueologia e Património*

SET 2021

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

**Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Setembro de 2021**

Volume: **15**

Capa: Figura antropomórfica oculada sobre osso dos  
Perdigões (Foto: António Carlos Valera)

Director: **António Carlos Valera**

**ISSN: 2183-0924**

Contactos e envio de originais:

[antoniovalera@era-arqueologia.pt](mailto:antoniovalera@era-arqueologia.pt)

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

## ÍNDICE

EDITORIAL .....	07	Sofia Nogueira, Lucy Shaw Evangelista, Tiago do Pereiro	
Ana Catarina Basílio, Nelson Almeida e António Carlos Valera O RECINTO DE FOSSOS DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR): TRABALHOS DE 2019 E 2020 (PROJECTO SANVIT) .....	09	OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS DA IDADE DO FERRO NA HERDADE DO ÁLAMO – TORRE DE SÃO BRISSOS, BEJA: ABORDAGEM BIOANTROPOLÓGICA .....	53
Tiago do Pereiro, Nelson Almeida António Carlos Valera O RECINTO DE FOSSOS CALCOLÍTICO DA HERDADE DO ÁLAMO (SÃO BRISSOS, BEJA) .....	29	Anabela Sá, Ever Calvo CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO DA ÁREA OCIDENTAL DA LISBOA DURANTE O SÉCULO XIX: O CASO DA RUA DA PRAIA DO BOM SUCESSO Nº7 A 11 .....	61
J.E. Márquez-Romero, J.L. Caro-Herrero, J.A. Molina-Muñoz, J.A. Camino de Miguel, J. Suárez Padilla VARIOUS CONSIDERATIONS ON THE APPROACH TO THE ARCHAEOLOGICAL COMPLEX OF PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ, PORTUGAL) .....	37	Diana Dinis, Inês Mendes da Silva A ANTIGA FÁBRICA DO GÁS DA BOAVISTA – UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO .....	71
Patrícia D. Monteiro, Eliana Correia, Anne Farias, Tiago do Pereiro O SÍTIO NEOLÍTICO DA AMEJEIRA (LAGOS) NO SEU CONTEXTO REGIONAL: RESULTADOS PRELIMINARES DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DE 2020-2021 .....	43		



## EDITORIAL

*“Olhares Milenares”*

*Foi o subtítulo escolhido para a exposição sobre os Ídolos peninsulares da Pré-História Recente. Uma exposição, idealizada por Primitiva Bueno Ramírez e Jorge Soler (seus comissários), que percorreu o MARQ, em Alicante, o Museu Regional de Madrid e está actualmente no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa (até Outubro), como que recreando antigas rotas e interacções de larga escala que marcaram o 3º milénio a.C.. Uma exposição notável e que, sendo prejudicada pela pandemia que nos acompanha há ano e meio, conseguiu atravessá-la com inegável sucesso.*

*Evocada na capa e Editorial desta edição da Apontamentos por figurinhas oculadas antropomórficas e estilizadas dos Perdigões, esta exposição reuniu pela primeira vez um conjunto assinalável de peças de várias regiões de Espanha e Portugal. Objectos que falam ao grande público sobre antigas cosmologias do Neolítico, sobre as suas visões do mundo partilhadas, ao mesmo tempo que mostra a sensibilidade estética e a qualidade técnica destas comunidades.*

*Os Perdigões estiveram nela muito bem representados, com 16 peças (figuras antropomórficas, ídolos almerienses, betilo oculado, báculo, recipiente com decoração simbólica), sendo um dos expoentes da “participação portuguesa”.*

*Um momento marcante da investigação e da divulgação da Pré-História Recente peninsular.*

*António Carlos Valera*

# O SÍTIO NEOLÍTICO DA AMEJEIRA (LAGOS) NO SEU CONTEXTO REGIONAL: RESULTADOS PRELIMINARES DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DE 2020-2021.

Patrícia D. Monteiro<sup>1,2</sup>  
Eliana Correia<sup>1,3</sup>  
Anne Farias<sup>1,4</sup>  
Tiago do Pereiro<sup>1</sup>

## **Resumo:**

No âmbito dos trabalhos arqueológicos de minimização de impacto realizados no loteamento da urbanização da Gafaria/Ameijeira, em Lagos, foram identificados depósitos arqueológicos atribuíveis ao Neolítico Médio. A escavação arqueológica e o estudo preliminar do espólio permitiram a identificação de uma estrutura negativa e concentrações de argila, um conjunto artefactual composto por indústria lítica, nomeadamente utensílios, uma enxó em pedra polida e cerâmica manual lisa, sugerindo a presença de um assentamento de habitat do Neolítico médio nas imediações.

## **Abstract:**

**The Neolithic site of Ameijeira (Lagos) in its regional context: preliminary results of archaeological excavations of 2020-2021.**

During the archaeological works within the minimizing of impacts of construction in Gafaria/Ameijeira urbanization in Lagos, were identified archaeological deposits from Middle Neolithic. The archaeological excavation and preliminary study of the assemblage allow to identify a negative structure, clay concentrations, an assemblage composed by lithics, namely stone tools in flint, adze in polished stone and manual pottery undecorated, suggesting the presence a Middle Neolithic habitat/settlement in the surroundings.

## **1. Introdução**

O Algarve constitui uma região de particular interesse para o estudo do Neolítico, uma vez que é onde se encontram as datações mais antigas para este período no Ocidente Peninsular (Carvalho, 2010). Os sítios com datações atribuíveis aos Neolítico Antigo, com indícios de carácter logístico e de exploração de recursos costeiros, têm fornecido matéria de debate sobre as interações entre as comunidades exógenas neolíticas e os últimos caçadores-recolectores da região (Carvalho, 2018). Se por um lado, no Neolítico Antigo do barlavento algarvio, se conhecem sobretudo sítios relacionados com assentamentos logísticos, tais como concheiros (Castelejo, Barranco das Quebradas, Rocha das Gaivotas, Ribeira da Alcantarilha), num período posterior, Neolítico Médio e Final, observa-se uma prevalência de sítios ligados ao megalitismo e de cariz funerário (Ibn Amar, Algarão

da Goldra, Alcalar 7). Apesar da precocidade da ocupação neolítica no barlavento algarvio e de alguns autores considerarem o mesmo para alguns aspetos culturais como o megalitismo (Gomes, 2007a), no que diz respeito à identificação de sítios de habitat ou povoamento permanente, ainda existe um menor número de sítios identificados relativamente a outras tipologias de assentamentos. No barlavento algarvio são exemplos de sítio de carácter habitacional a Cabranosa, Padrão e Vale Boi, datáveis do Neolítico Antigo e o Castelo Belinho do Neolítico Antigo/Médio (Carvalho e Cardoso, 2003; Carvalho et al, 2007; Gomes, 2008b). A questão da escassez de informação, relativamente a sítios de cariz habitacional no Neolítico algarvio, adensa-se se nos focarmos no período do Neolítico Médio, que ainda apresenta mais escassa representação no registo arqueológico relativamente aos períodos que lhe antecedem e sucedem (Neves, 2019).

O sítio arqueológico da Ameijeira, localizado na cidade de Lagos, terá sido primeiramente identificado no ano de 1999, na sequência de uma intervenção arqueológica de diagnóstico, como uma oficina de talhe datada do Neolítico Antigo (Pereira, 2000). No âmbito de um projecto de minimização de impacto, foram realizados trabalhos de diagnóstico em 2018 pela ERA Arqueologia S.A., cuja análise

<sup>1</sup>ERA Arqueologia S.A.

<sup>2</sup>ICArEHB – Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behavior

<sup>3</sup>CEAACP – Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

<sup>4</sup>FCHS – Universidade do Algarve

lítica terá apontado para uma produção do Neolítico Médio (Miguel e Pereiro, 2018). No seguimento do mesmo projecto, entre 2019 e 2021, foram realizados novos diagnósticos e escavação em área no sítio da Ameijeira, a Este das intervenções anteriores.

Com base nos resultados obtidos nas mais recentes intervenções, o presente artigo tem como objectivo a apresentação do sítio arqueológico, a sua caracterização estratigráfica e resultados da análise preliminar do espólio, trazendo novidades relativamente ao panorama dos conhecimentos para o povoamento do Neolítico Médio no barlavento algarvio.

## 2. O sítio arqueológico da Ameijeira

### 2.1. Enquadramento geográfico e geológico

O sítio da Ameijeira situa-se na localidade com o mesmo nome, integrando a urbanização da Gafaria, em S. Gonçalo de Lagos, concelho de Lagos, distrito de Faro, com as coordenadas geográficas (WGS 84) 37° 5'45.62"N; 8°40'44.76"W. Em imagens de satélite, é possível verificar a evolução da paisagem no local, identificando uma crescente deflorestação e desaparecimento de estruturas construídas, ainda presentes no local em 2006. Antes da intervenção arqueológica no loteamento, o terreno original era composto por cobertura vegetal arbórea e arbustiva e alguns aterros resultantes da obra e resíduos de construção demolida. A identificação da localização destes elementos no terreno foi importante para determinar as áreas de intervenção arqueológica onde existisse menor afectação dos depósitos pré-históricos.

Em termos geológicos, podemos caracterizar o barlavento algarvio pelas suas formações mesozóicas, com destaque para formações do Jurássico Inferior, organizadas segundo uma orientação NE-SW. Na linha da costa, sobretudo entre Lagos e Portimão, surgem zonas de acumulação relativas a sistemas hidrográficos holocénicos, porém com diferentes graus de colmatção. Sendo assim, a morfologia nesta zona varia entre arribas talhadas verticalmente e segmentos de sistemas de estuários (Bicho et al, 2010). Este é o caso do sítio da Ameijeira, localizado menos de 1 km da ribeira de Bensafrim, cujo curso de água é condicionado de Norte a Sul pela Serra de Monchique, e que atravessa terrenos xistosos e grauvaquicos dos sopés da Serra, assim como dos calcários e margas do Barrocal e, finalmente, das areias e arenitos do Litoral (Carvalho, 2008).

O sítio encontra-se integrado numa área com substrato Miocénico (Miocénico marinho), coberto por um nível de areias consolidadas do Plio-Plistocénico (argilas vermelhas). Os depósitos mais recentes são compostos por areias de praias e dunas com inclusões raras de seixos. Entretanto, e apesar da baixa ocorrência de seixos, à margem da ribeira de Bensafrim a aproximadamente 30 metros à montante, ocorrem depósitos de aluvião, onde possivelmente os recursos líticos estariam disponíveis. Assim como nos estratos do Jurássico, de calcários dolomíticos com nódulos de sílex, como o caso da conhecida jazida do Ferrel e porções

de depósitos de praias antigas e de terraços, ambas realidades, a menos de 10 km do sítio arqueológico, cuja captação pode ser favorecida pela realidade topográfica do terreno, como podemos verificar no mapa da figura 1.

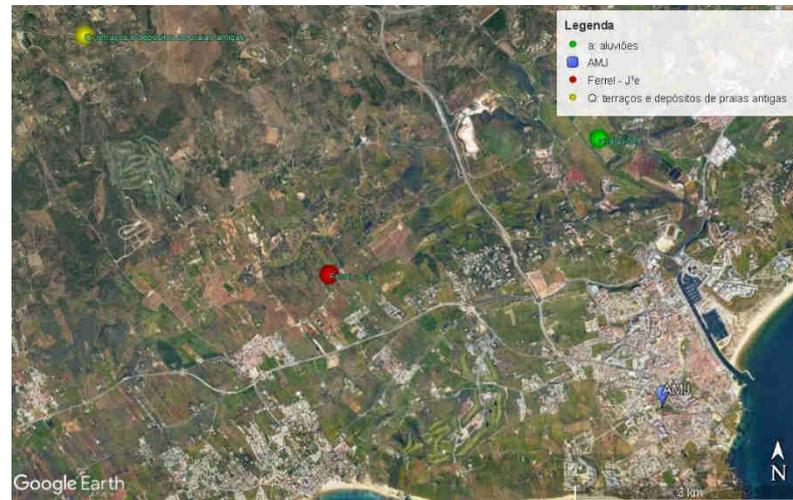


Figura 1 – Mapa produzidos pelos autores com indicação do sítio arqueológico Ameijeira (azul); ocorrência de J'e (vermelho) em Ferrel: calcários dolomíticos com nódulos de sílex; ocorrência de a: estratos de aluvião a montante da Ribeira de Bensafrim (verde); ocorrência de Q: depósitos de praias antigas e terraços.

Em levantamentos recentes e através dos trabalhos desenvolvidos pela litoteca da Universidade do Algarve (Pereira et al, 2016), foram identificadas aproximadamente duas dezenas de fontes de sílex, tanto em posição primária, como secundária, sendo a última realidade a mais bem representada pelas amostras geológicas do barlavento.

A distribuição do espólio arqueológico que identifica o sítio localiza-se ao longo de uma colina suave de orientação SW-NE, cuja altimetria varia entre os 53,70m e 46,50m, segundo os dados obtidos no loteamento a Oeste (Miguel e Pereiro, 2018) verificando-se a sua continuação nos lotes a Este, ao longo da vertente até 45,00m. Verificou-se a presença de canais erosivos no terreno, provocados por linhas de água sazonais, que atravessam o sítio.

### 2.2. Antecedentes e enquadramento da intervenção

O sítio da Ameijeira foi identificado na sequência duma regularização de um corte de terreno que resultou na exposição de depósitos com espólio arqueológico, motivando uma intervenção arqueológica no ano de 2000, que permitiu a identificação, em deposição secundária, de um conjunto lítico de pedra lascada que contemplava a cadeia operatória para produção de produtos alongados (Pereira, 2000). A elevada frequência de fragmentos de lâminas e lamelas, associada à ausência de utensílios retocados leva ao autor a considerar a hipótese de se tratar de uma oficina de talhe datada do Neolítico Antigo, sendo apenas levantada a possibilidade de existência de um habitat nas proximidades devido à presença de cerâmica muito escassa em relação à totalidade do conjunto (Pereira, 2000).



Figura 2 – Localização das intervenções arqueológicas realizadas no sítio da Ameijeira, Lagos, nos anos 2000, 2002, 2018 e em 2019-2021, no âmbito de minimização de impactos de diferentes projetos de reabilitação urbana e construção.

A renovação urbana de Lagos que resultou na empreitada na Avenida V5, em 2002, levou à realização de duas fases de diagnóstico arqueológico no local, identificando depósitos com presença de espólio lítico pré-histórico. Estes trabalhos concluíram que o espólio arqueológico era enquadrável no Neolítico Antigo, tendo, no entanto, considerado que os depósitos identificados, embora exclusivamente compostos por material pré-histórico, não corresponderiam a ocupação efetiva no local, mas sim o resultado de escorrimento da encosta (Basílio, 2002; Porfírio, 2016).

Com as precedentes intervenções arqueológicas a identificarem o sítio neolítico nas imediações, em 2018, a pretensão de construção de um edifício no lote 1 da Urbanização da Gafaria, requereu novo diagnóstico arqueológico prévio. As 10 sondagens arqueológicas realizadas permitiram caracterizar a estratigrafia do sítio, identificando sob depósitos de aterro recentes e depósitos bioturbados e com presença de material de cronologia moderna, depósitos arenosos compostos por espólio lítico pré-histórico, que assentavam no substrato geológico (Pereiro e Miguel, 2018). A análise dos líticos permitiu a identificação de utensílios, nomeadamente lâminas, lamelas e lascas, com retoque marginal, furadores e entalhe, além de outros restos de debitage. Os resultados da análise tecnológica dos líticos desta intervenção, leva os autores a questionar a classificação do sítio como oficina de talhe, tendo em conta a proporção do material residual em relação às restantes categorias tecnológicas (Miguel e Pereiro, 2018). Apesar do diagnóstico realizado manifestar a necessidade da intervenção em área no local, uma alteração do projeto de construção e conseqüente não afetação dos depósitos pré-históricos, motivou o não alargamento da área no local.

No entanto, este diagnóstico, a par das anteriores intervenções nas imediações, foram fundamentais para urgir a necessidade de caracterizar a extensão do sítio da Ameijeira, conduzindo a que, em 2019, na sequência da pretensão de construção no loteamento a Este da intervenção de 2018 e a Sul das intervenções de 2000 e 2002, se tenha exigido um novo diagnóstico arqueológico prévio. Este

projecto consistia na construção de um loteamento com impacto no subsolo até ao substrato geológico.

Com o objetivo de obter uma leitura estratigráfica e espacial do sítio, foram realizadas 15 sondagens arqueológicas. Estas sondagens permitiram identificar depósitos arenosos compostos exclusivamente por espólio pré-histórico e a sua distribuição em área, sobretudo a Oeste da área intervencionada. Este diagnóstico identificou as camadas superficiais, caracterizados por depósitos de aterro recente e depósitos revolvidos com presença de espólio de cronologia moderna/contemporânea. Com base nestes resultados, delimitou-se uma área de dispersão do sítio, procedendo-se a uma escavação arqueológica por meios mecânicos das camadas superficiais até ao topo dos depósitos arenosos com espólio pré-histórico. Esta decapagem permitiu identificar a localização e extensão em área destes depósitos, assim como aferir as áreas em que se encontravam com menor grau de perturbação, pela presença de árvores ou construções recentes, anteriormente mencionadas. Foram delimitadas duas áreas (Área 16 com 585 m<sup>2</sup> e Área 17 com 332 m<sup>2</sup>) nos locais, dentro da área de afetação da obra, onde se identificaram os depósitos com dispersão de espólio pré-histórico, realizando-se a sua escavação manual até depósito arqueologicamente estéril.



Figura 3 – Vista geral da área do loteamento (orientação O-E), Área 16 à direita.

### 2.3. Estratigrafia

As escavações arqueológicas realizadas na Área 16 e Área 17 no sítio da Ameijeira permitiram caracterizar a sua estratigrafia, assim como identificar vestígios de estruturas associadas à ocupação neolítica no local. Esta ocupação terá ocorrido sobre o substrato geológico [1603] e [1737], e o depósito que imediatamente se lhe sobrepunha [1609] e [1736], arenoso, moderadamente compacto, de coloração heterogénea, sem espólio arqueológico. Os vestígios de ocupação *in situ*, assentes no substrato e num fino depósito estéril, foram somente identificados na Área 16, consistindo numa estrutura negativa [1617] e três concentrações de nódulos argilosos, morfologicamente heterogéneos, termicamente alterados [1606], [1623] e [1624].



Figura 4 – Estrutura negativa [1617] e concentração de argilas [1608] a Norte.

A estrutura negativa [1617] tem plano circular, c. 40 cm de diâmetro, fundo côncavo e perfil em “U” (47,60 m a.n.m). No seu interior, foram identificados sedimentos contendo cinzas [1614], fragmentos de carvão [1615] e um depósito de argila [1616] que revestia o fundo e as paredes da estrutura.

O sedimento que preenchia a estrutura foi integralmente recolhido e armazenado, solto e em bloco, para possibilitar o seu processamento por flutuação e realização de análises futuras (micromorfologia, por exemplo) que permitam melhor caracterizar a sua funcionalidade e processos de formação associados. A análise preliminar resultante do processo de escavação e registo permite equacionar uma funcionalidade relacionada com atividades de combustão, de momento indeterminadas.

A cerca de 4 m a Norte da estrutura [1617] encontra-se uma concentração de fragmentos de argila termicamente alterada [1606] (-48424.300, -285434.250, 47,91m a.n.m.). A sua morfologia irregular e a fragmentação sugerem tratar-se de vestígios de alguma estrutura desmantelada. No entanto, dado que os vestígios se encontram concentrados num mesmo aglomerado circunscrito, equaciona-se que o mesmo não terá resultado de depósitos de escorrências provenientes da vertente, mas sim, possivelmente, de vestígios muito residuais de uma estrutura preexistente, próximos da sua posição original. Não se verificaram quaisquer outras estruturas associadas a este depósito, que assentava diretamente no depósito estéril [1609].

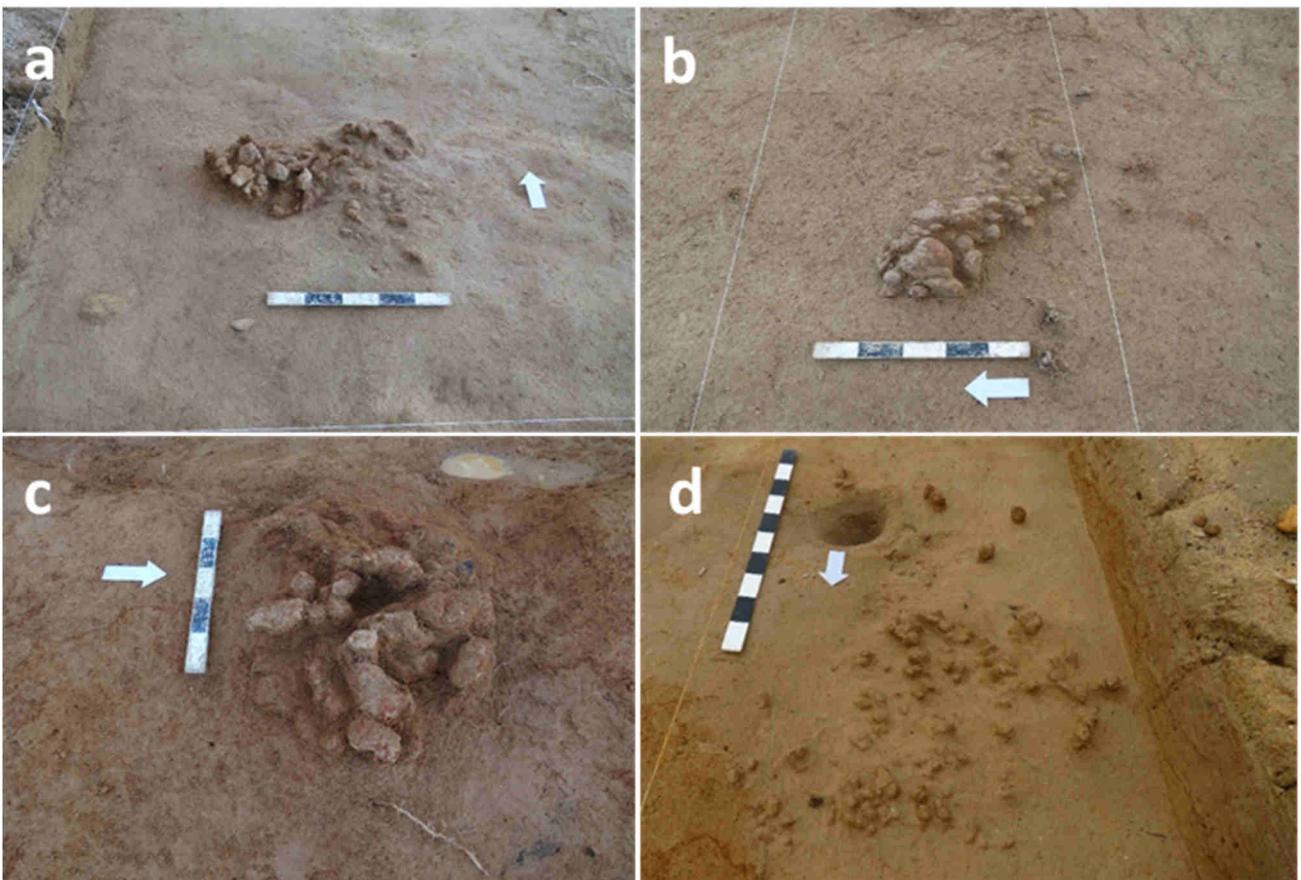


Figura 5 – Concentrações de nódulos de argila identificados na Área 16 a) [1606]; b) [1623]; c) [1624]; e na Área 17 d) [1710].



Figura 6 – Depósito [1605] e depósito [1604].

As mesmas características foram observadas na concentração de nódulos argilosos [1623] (-48516.500, -285433.500, -47,24m a.n.m.), localizada c. de 8 m a Este da [1606]. Apesar de igualmente circunscrita, apresenta maior dispersão em área, com indícios de escoamento para Este no sentido descendente da vertente. Também este depósito é interpretado como possíveis vestígios de uma estrutura desmantelada nas proximidades.

O depósito [1624] consiste igualmente numa concentração de fragmentos de argila (-48513.000, -258533.900, 46,90m a.n.m.) também com indícios de alteração térmica, de formato irregular, localizado a c. de 3m a Este do depósito [1623]. À semelhança das concentrações de argila [1606] e [1623], assentava sobre o depósito estéril [1609] e, do mesmo modo, poderá constituir vestígios de alguma estrutura.

Na Área 17, a c. de 38 m a Norte destas realidades, também se identificou um depósito semelhante [1710] (-48538.500, -285395.000, 46,52m a.n.m.), embora este apresentasse indícios de maior dispersão dos fragmentos. O mesmo assentava sobre o depósito estéril [1736], equivalente ao depósito [1609].

A estrutura negativa [1617] e os depósitos de argila [1606], [1623] e [1624] são as evidências identificadas que poderão constituir os vestígios de ocupação *in situ* do sítio da Ameijeira. Mais a Norte, na Área 17, o depósito de fragmentos de argila identificados, permite considerar a possibilidade da presença de estruturas análogas nesta zona.

Os depósitos [1606] [1617] [1623] [1624] encontravam-se cobertos por um depósito arenoso [1604], pouco compacto, de coloração amarela a alaranjada, heterogénea, composto por uma elevada quantidade de espólio arqueológico pré-histórico associado – líticos e cerâmica manual. A origem deste depósito é interpretada como escoamentos provenientes de uma cota mais elevada na vertente, a Oeste, para onde possivelmente se prolongaria a ocupação neolítica. Este depósito terá escoado e colmatado vestígios da ocupação que se encontravam em cotas mais baixas da vertente. A mesma realidade foi verificada na Área 17, com a camada [1732], com grande volume de espólio arqueológico pré-

histórico a colmatar os vestígios de ocupação [1710], assentando sobre a camada estéril [1736] e substrato geológico [1737].

A cortar este depósito [1604] que colmata as estruturas, encontra-se uma unidade [1610] preliminarmente interpretada como um possível canal erosivo, que dada a sua orientação O-E, acompanha a vertente. O mesmo é preenchido por um depósito [1605], de coloração branca, composto por materiais arqueológicos pré-históricos, líticos e cerâmica, cuja observação preliminar sugere uma grande semelhança aos materiais identificados na [1604], sendo por isso, interpretado como material em deposição secundária, proveniente de escoamentos correspondente a um momento diferente, mas com a mesma origem no que seria a ocupação localizada em cotas mais elevadas da vertente.

Foi igualmente identificada nesta área uma estrutura negativa linear [1618] que corta o depósito [1604] e o substrato geológico, atravessando toda a área de escavação no sentido S-N, e descrevendo uma curva na Área 16. O seguimento da sua escavação no alargamento a Norte da Área 16 e o registo da sua morfologia, permitiu observar que a sua continuação prosseguia em curva para Oeste, seguindo depois, de forma relativamente reta para Nordeste, sem sentido descendente pela vertente.



Figura 7 – Estrutura negativa linear [1618] (orientação S-N) e alargamento a Norte da Área 16 (orientação O-E).

No interior desta estrutura linear, na Área 16, foram identificados depósitos de sedimento de coloração amarelada [1608] e [1620] que embalavam algumas pedras calcárias soltas [1619]. No fundo da estrutura, foi identificado o esqueleto de um equídeo [1622]. O facto de esta estrutura [1618] cortar o depósito [1604] que colmata as concentrações de argila indica que o mesmo terá uma cronologia posterior à ocupação pré-histórica associada àquelas. Esta hipótese é reforçada pelo depósito que preenche a estrutura negativa, na qual se identificou além de material pré-histórico, também material de cronologia moderna, como faiança, até à base do depósito.

Na Área 17, a cortar o depósito de escorrências [1732] (equivalente ao [1604]), foram identificadas interfaces negativas de origem natural, provocados por muito provavelmente por ação de raízes de árvores que ali existiam. Sobre esta unidade, identificaram-se também conjuntos pétreos [1708] e [1709] compostos por calcários de pequena e média dimensão, sem aparente organização, provavelmente resultado de mobilização ou escorrência, com algum espólio de cronologia moderna associado. Estas realidades encontravam-se colmatadas por um depósito arenoso [1705], de coloração amarela-clara, que por sua vez era colmatado pela camada [1702], ambos com presença de espólio pré-histórico e algum espólio de cronologia moderna, com acentuada bioturbação por raízes.

Sobre os depósitos [1604], [1605] e [1608] encontrava-se o depósito [1602], equivalente ao depósito [1705] e [1702], de matriz arenosa, coloração amarela a branca, com presença de espólio arqueológico pré-histórico e de cronologia moderna, provavelmente resultante de contacto entre os depósitos de escorrência pré-históricos e os depósitos modernos e contemporâneos que se lhe sobrepunham.

2.4. Líticos

Com objetivo de realizar uma caracterização preliminar da indústria lítica recolhida e o seu enquadramento cronocultural, foi realizada a análise da totalidade do espólio lítico recolhido de algumas unidades estratigráficas da Área 16, nomeadamente [1604], [1605] e [1620]. As unidades [1604] e [1605] foram selecionadas por serem depósitos compostos quase exclusivamente por espólio pré-histórico, e a unidade [1620] foi selecionada para determinar a cronologia do espólio pré-histórico recolhido no interior da estrutura negativa linear [1618] identificada, de modo a aferir a sua cronologia.

Partindo da análise de uma amostragem de pedra lascada das unidades estratigráficas mencionadas acima, [1604], [1605] e [1620], podemos concluir que esta amostra, é composta, no total, por 1414 peças: 608 peças de debitage: 59 núcleos, 57 utensílios retocados e 690 resíduos (esquírolas e fragmentos inclassificáveis) resultantes do talhe, sendo que as categorias tecnológicas com maior representatividade são as peças debitadas, nomeadamente os produtos alongados, e os materiais residuais. A partir da análise preliminar nesta amostragem, o tratamento térmico é praticamente ausente.

		Sílex			Outras MP's	Total
		[1604]	[1605]	[1620]		
Material de debitage	Lascas corticais	26	5	2		33
	Lascas parcialmente corticais	53	3	9		65
	Lascas não corticais	103	16	8	1	128
	Lâminas	154	19	9		182
	Lamelas	161	22	16	1	200
<b>Núcleos</b>		39	19	1		59
<b>Utensílios retocados</b>		47	1	8	1	57
Resíduos	Esquírolas	111	9	4	12	136
	Fragmentos inclassificáveis	415	45	15	79	554
<b>Total</b>		1109	139	72	94	1414

Tabela 1 – Inventário do espólio lítico das unidades [1604], [1605] e [1620].

O sílex parece ter sido a matéria-prima mais procurada para o talhe da pedra, com 1320 exemplares, ou seja, 93% do total de peças talhadas. O quartzo e o quartzito surgem em quantidades bastante inferiores: o quartzo com 53 peças e o quartzito com 11 peças; e o quartzo hialino com 1 peça.

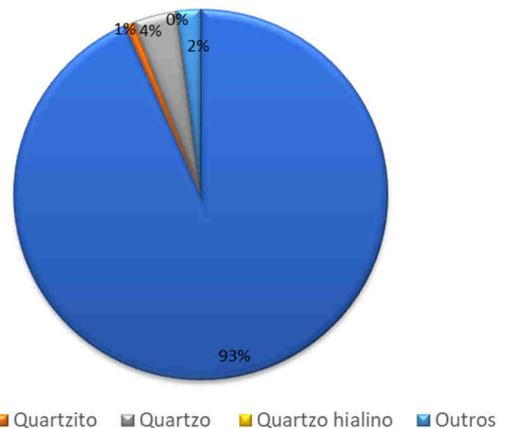


Gráfico 1 – Percentagem com a representação de cada matéria-prima no conjunto analisado.

Relativamente às peças debitadas, prevalecem os produtos alongados (essencialmente lamelas), com um total de 381 peças (200 lamelas e 182 lâminas) somente em sílex. No entanto, registou-se uma lamela sem retoque em quartzo hialino. Sobre os núcleos, apenas em sílex, prevalecem os núcleos prismáticos para debitage de produtos alongados.

Os resultados das unidades analisadas não demonstram a existência de uma diferença tipológica entre os conjuntos, sugerindo que os materiais dos depósitos [1604] [1605] [1620] terão resultado de escorrências, em momentos diferentes, provenientes de uma mesma ocupação, atribuível ao Neolítico Médio. No caso do depósito [1620], ao preencher a estrutura negativa linear, a presença dos líticos misturada com faiança de cronologia moderna, poderá dever-se a perturbações dos depósitos pré-históricos cortados, muito semelhante ao que sucede com outros depósitos de superfície, tais como [1602].

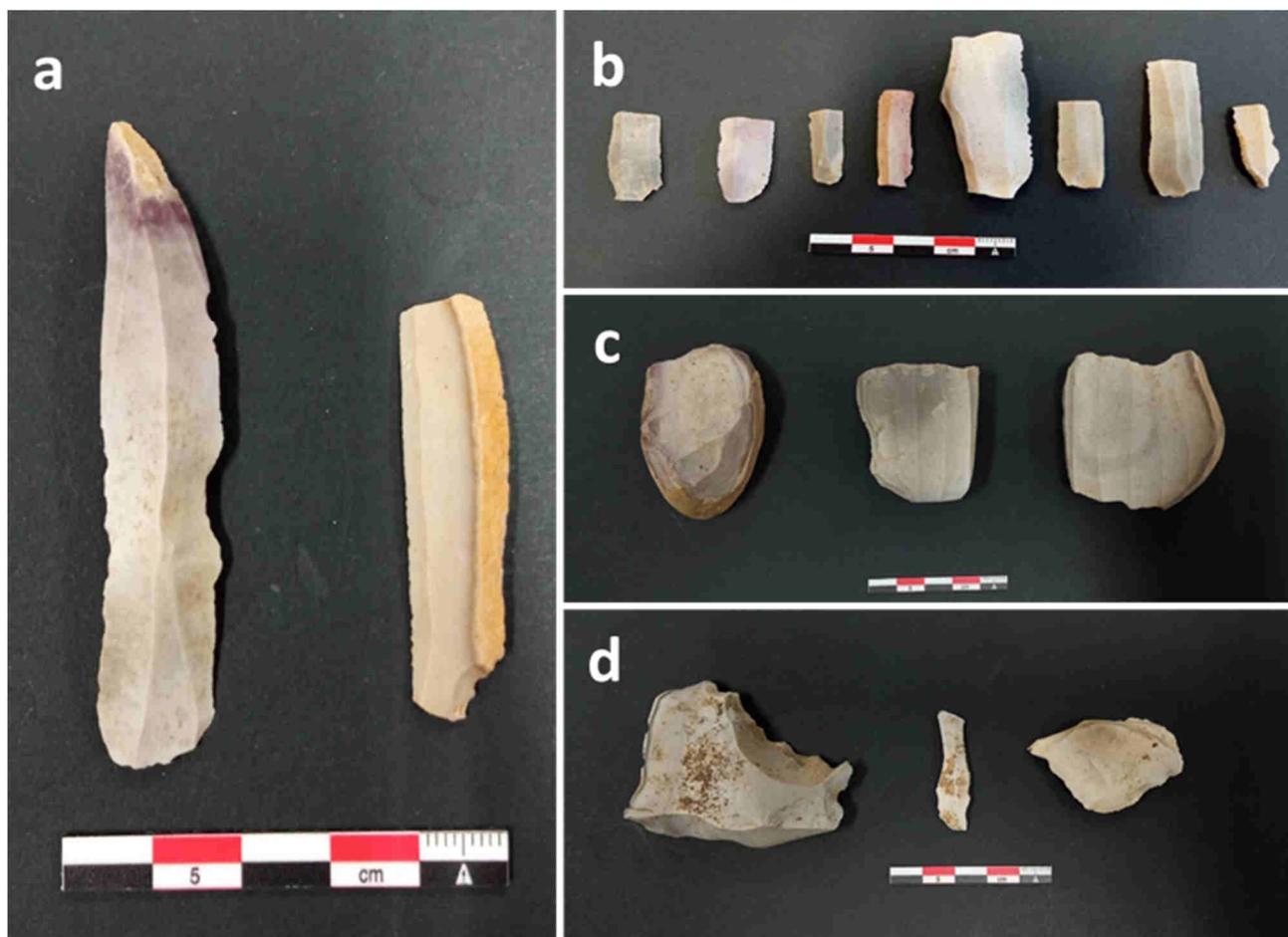


Figura 8 – a) Utensílios em sílex [1620]; b) produtos alongados em sílex [1604]; c) núcleos em sílex [1605]; d) utensílios em sílex [1604].



Figura 9 – Lamela em quartzo hialino [1604].



Figura 10 – Enxó em pedra polida [1604].

## 2.5. Cerâmica

Foram recuperados um total de 235 fragmentos de cerâmica manual provenientes das Áreas 16 e 17, dos quais 137 se encontravam associados aos depósitos [1604] e [1732]. O conjunto cerâmico caracteriza-se por cerâmica manual lisa, excetuando quatro fragmentos de bojo que apresentavam elementos de prensão sob forma de pegas mamilares. A maioria dos bordos identificados são direitos, correspondentes a formas fechadas ou direitas. As pastas das cerâmicas são friáveis, apresentando uma composição entre o granular e arenoso, com ENP (elementos não-plásticos) visíveis (quartzo e quartzito). Cozeduras oxidante e redutora foram identificadas nos fragmentos recuperados em igual proporção.

A ausência de cerâmica decorada e a presença de um conjunto cerâmico liso corrobora com as características da cultura material associada ao Neolítico Médio.



Figura 11 – a) Cerâmica manual lisa [1604]; b) cerâmica manual com elemento de prensão [1732]; c) bordo, cerâmica manual lisa [1732]; d) cerâmica manual com elemento de prensão [1706].

## 3. Discussão

A identificação de contextos em posição primária, ainda que residual, de depósitos em posição secundária e a análise preliminar do espólio arqueológico das escavações realizadas no sítio da Ameijeira, permitem caracterizá-lo como um possível assentamento/*habitat* do Neolítico Médio.

A representatividade e características da indústria lítica recuperada no espólio é indicadora da importância da atividade do talhe da pedra no sítio da Ameijeira. Embora se disponha de um quadro de referência para as indústrias líticas da fase antiga do Neolítico, sobretudo da Estremadura (e. g. Carvalho, 2009), as fases mais tardias deste período, nomeadamente o Neolítico Médio e Final, apresentam bastantes incógnitas, sobretudo no Algarve, uma vez que a maioria dos estudos se foca em classificações tipológicas.

Partindo da análise preliminar da indústria lítica, parece ter existido um interesse em produzir suportes lâmino-lamelares

de pequenas dimensões, em sílex, a partir de núcleos prismáticos, notando-se uma ausência de micrólitos. Os suportes identificados no conjunto da Ameijeira apresentam atributos compatíveis com uma debitage por pressão, com talões facetados, e terão sido utilizados de modo expedito para suprir as necessidades decorrentes. Este conjunto lítico apresenta semelhanças com o recuperado num sítio relativamente próximo, o *habitat* da Caramujeira (concelho de Lagoa), particularmente a ausência de micrólitos (Gomes *et al.*, 1978).

Relativamente à exploração do sílex, enquanto matéria-prima dominante, essa preferência sugere maior especialização dessas comunidades, uma vez que essa rocha não é omnipresente no território envolvente. É importante perceber quais as estratégias de exploração e as suas áreas de proveniência, através de estudos no âmbito da petrografia, a fim de definir os modelos de gestão e circulação de sílex, uma vez que esta matéria-prima demonstra características de boa qualidade para o talhe, que não se encontra à escala local, segundo os registos que temos até o momento. No entanto, não colocamos de parte a hipótese de ter existido uma ou mais jazidas de sílex de boas características para o talhe, que possam ter sido utilizadas até à exaustão, já que, como mencionado anteriormente, o sítio localiza-se numa realidade geológica e geomorfológica que permite a ocorrência de sílex, tanto em posição primária, como em posição secundária.

Entretanto, as características do conjunto analisado, em combinação com a frequência de córtex de alteração, espesso ou rolado (residual), parece revelar que o talhe dos núcleos terá sido efetuado na área, à semelhança do que já tinha sido verificado em 2018 durante as escavações de sondagens de diagnóstico neste sítio (Miguel e Pereiro, 2018), facto também verificado por Pereira (2000) que o levou a considerar o sítio como uma possível oficina de talhe.

A identificação de artefactos líticos em suporte de matéria-prima não local leva-nos a colocar a hipótese de ter existido um esquema de circulação de matéria-prima que terá permitido às comunidades, distantes das áreas de potencial proveniência de sílex, nomeadamente Alentejo e Algarve, de ultrapassar os condicionamentos impostos pelas respetivas geologias. Tal inferência só será possível num futuro próximo, aquando de análises da natureza mineralógica e química dos elementos líticos da presente coleção e sua comparação com amostras geológicas locais e exógenas, com recurso a ferramentas de análise, tais como a Difração de Raios-X (DRX) e a Fluorescência de Raios-X (FRX) (e. g. Pereira *et al.*, 2015).

Além da atividade do talhe da pedra, as concentrações de argilas com alterações térmicas sugerem que atividades relacionadas com utilização de combustível terão ocorrido no sítio. Estruturas em argila associadas a assentamentos são identificadas desde o Mesolítico e Neolítico no Centro e Sul de Portugal (Gonçalves *et al.*, 2008; Sousa, Gonçalves, 2015), não havendo, até à data, referências para o Algarve. São apontadas funcionalidades com uso de combustão associadas a atividades domésticas (Gonçalves *et al.*, 2008). Normalmente a argila encontra-se associada a estruturas

negativas, embora se verifiquem também tipologias de estruturas positivas (Sousa, Gonçalves, 2015).

O estado de conservação das concentrações de argila identificadas no sítio da Ameijeira, com elevado estado de fragmentação dos blocos de argila, não permitem determinar a morfologia ou funcionalidade das mesmas, nesta fase preliminar. No entanto, a sua concentração permite equacionar a existência de estruturas, atualmente desmanteladas, e cuja morfologia e arquitetura são desconhecidas. Na Ameijeira, apenas a estrutura [1617] apresenta um depósito argiloso associado a uma estrutura negativa, permitindo associá-la a tipologias descritas nos casos citados acima. Análises futuras das amostras de argila recolhidas e a continuação do estudo do sítio poderão vir a esclarecer a sua funcionalidade, também através do estudo multidisciplinar do conteúdo da estrutura.

Muito embora estruturas de combustão pudessem ser expectáveis de estar associadas a um sítio onde se terá realizado o talhe da pedra, pois a exposição ao calor dos nódulos de pedra, de forma controlada e gradual, permite alterações físicas ao mesmo tempo que facilitavam o talhe, sendo uma técnica comum desde o Paleolítico (Santaniello et al, 2021). Não é seguro afirmar, no presente caso, que estes depósitos de argila e a estrutura negativa constituam lareiras para esse fim. A análise lítica do espólio da Ameijeira demonstra até que a maioria das peças não apresenta indícios de tratamento térmico, sendo, por isso, pouco provável que os nódulos de sílex tenham sido aquecidos previamente ao talhe. Também no sítio de Xarez 12 é colocada uma situação semelhante, com uma relação pouco expectável entre a larga presença de fornos no habitat e a evidência residual de tratamento térmico nos líticos (Gonçalves et al, 2006). Desta forma, poderá considerar-se a hipótese de que estas estruturas ou depósitos tenham outra funcionalidade, não relacionada com o talhe. Como referido anteriormente, embora não seja possível comparar diretamente estas concentrações de argila com casos já mencionados, sabemos que nestes e noutros sítios na Europa, este tipo de estruturas encontram-se associadas a estruturas habitacionais, tendo, portanto, um cariz doméstico e funcionalidade de armazenamento (por exemplo, os “clay bins” mencionados por Filipovic et al, 2018).

Este facto, associado à quantidade de cerâmica manual recuperada a par dos artefactos líticos, nomeadamente utensílios retocados, permitem equacionar o sítio da Ameijeira como um assentamento. Embora seja claro, pela quantidade de líticos recuperados, que o talhe terá sido uma atividade preponderante, a presença de cerâmica, utensílios retocados, pedra polida e concentrações de argila vem reforçar a hipótese da existência de um assentamento/habitat tanto no local da presente intervenção, como nas imediações. Apesar dos dados apontarem para a presença de um assentamento, há que referir a ausência de fauna mamalógica ou malacológica nos depósitos pré-históricos, muito provavelmente devido a questões tafonómicas que terão condicionado a sua preservação.

Os depósitos identificados apresentam um declive com orientação O-E, sugerindo que a ocupação do sítio se

estenderia para Oeste, vertente acima. Os dados provenientes dos trabalhos arqueológicos realizados no loteamento a Oeste (Miguel e Pereiro, 2018), demonstram a existência de depósitos arenosos, similares aos identificados na presente intervenção, também ao longo da vertente.

A escassez de dados relativos a este período cronológico no barlavento algarvio dificulta o exercício de comparação com sítios coevos e, por conseguinte, a integração e correlação do sítio da Ameijeira no quadro do Neolítico da região. Contextos de assentamentos/habitat no barlavento algarvio foram identificados em Vale Boi, Padrão 1 e Cabranosa, sítios localizados perto da costa, datados do Neolítico Antigo, não se verificando, nestes casos, evidências de continuidade de ocupação nestes locais no Neolítico Médio (Carvalho, 2008; Goufa e Correia, 2016). A continuidade de utilização de espaços no Neolítico Antigo e Médio é verificável sobretudo em contextos funerários, como é o caso da gruta de Ibn Amar e Alcalar 7, em Portimão (Carvalho, 2008; Boaventura et al., 2015). No que diz respeito a contextos de assentamento/habitat, no Neolítico Médio apenas se registavam evidências no interior algarvio, nomeadamente o Castelo Belinho (Gomes, 2008b), uma jazida situada no interior, próxima dos contrafortes da Serra de Monchique, embora com fácil acesso aos recursos costeiros do estuário do Arade. Com a identificação dos contextos no sítio da Ameijeira, é possível considerar que as modalidades de ocupação e assentamento no Neolítico Médio se estenderam também a zonas costeiras.

#### **4. Considerações finais**

A escavação arqueológica em área no sítio da Ameijeira em Lagos permitiu a identificação de uma estrutura e depósitos secundários de possíveis estruturas de um assentamento do Neolítico. Os depósitos secundários que colmatam estes contextos e que embalam o espólio arqueológico lítico e cerâmico resultam, muito provavelmente, de escorrências pela extensão do local do assentamento a Oeste da área da intervenção, na zona do planalto. Não obstante, o espólio identificado corresponde a depósitos de escorrência, há que considerar a identificação de vestígios de estruturas, embora muito residuais. Isto leva a considerar que a ocupação se poderá ter distribuído ao longo da vertente, uma vez que existem estas evidências de ocupação *in situ* na Área 16, e depósitos de escorrência de espólio que terão vindo de cotas mais elevadas.

O espólio arqueológico exumado, composto por uma indústria lítica assente na produção de produtos alongados demonstra a presença de utensílios e outros restos de debitage, apontando para a existência de atividade do talhe da pedra no local e uma tecnologia atribuível ao Neolítico Médio. A cerâmica manual, maioritariamente lisa, enquadra-se na tipologia cerâmica deste período cultural. No quadro da ocupação do Neolítico Médio no barlavento algarvio, o sítio da Ameijeira constitui uma evidência, até à data desconhecida, de assentamento/habitat em zonas costeiras nesta cronologia. Os trabalhos realizados contaram com a recuperação de amostras sedimentares, solto e em bloco, dos contextos arqueológicos identificados, que, em conjunto com a análise integral do espólio exumado, irão permitir a

confirmação das hipóteses propostas, relativamente à funcionalidade e cronologia do sítio da Ameijeira.

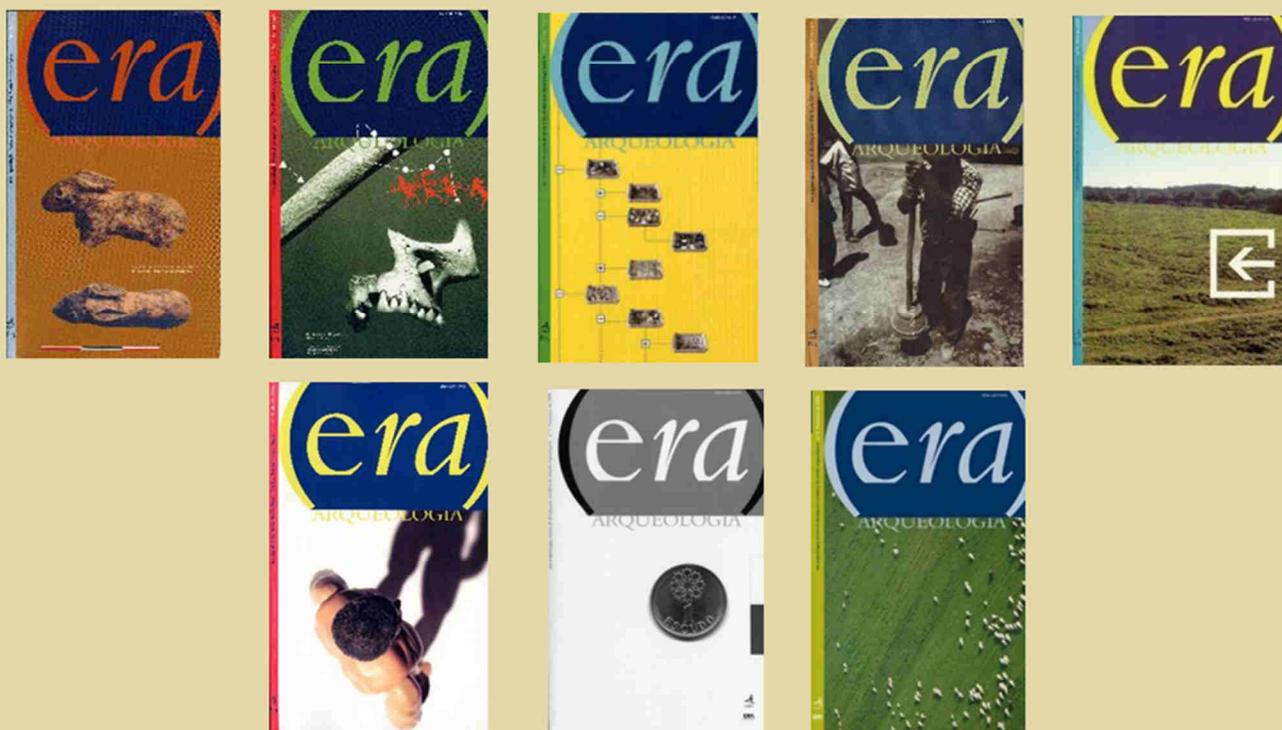
#### Referências Bibliográficas

- BASILIO, L. (2002) – 2ª Fase de Trabalhos arqueológicos de avaliação preliminar na área de construção da Via V5, Lagos. Relatório Preliminar.
- BICHO, N.; MANNE, T.; CASCALHEIRA, J.; MENDONÇA, C.; ÉVORA, M.; GIBAJA, J.; PEREIRA, T. (2010) – O Paleolítico superior do sudoeste da Península Ibérica: o caso do Algarve. *El Paleolítico Superior Peninsular*: 215-234.
- CARVALHO, A. F. (2008) – A neolitização do Portugal meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve ocidental. Promontório Monográfica 12. Universidade do Algarve.
- CARVALHO, A. F., (2009) – O talhe da Pedra na Pré-História recente de Portugal: 2. O estado actual da investigação. *Praxis Archaeologica*. 4: 67-91.
- CARVALHO, A.; CARDOSO, J. L. (2003) – A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres): contribuição para o estudo da neolitização do Algarve. *Actas do II Congresso Internacional sobre Megalitismo*: 23-43.
- CARVALHO, A.; DEAN, R.; BICHO, N.; FIGUEIRAL, I.; PETCHEY, F.; DAVIS, S.; JACKES, M.; LUBELL, D.; BEUKENS, R.; MORALES, A.; ROSELLÓ, E. (2007) – O Neolítico antigo de Vale Boi (Algarve, Portugal). Primeiros resultados. *IV Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*. Alicante: 267-274.
- FILIPPOV, D.; OBRADOVIC, D.; TRIPKOVIC, B. (2018) – Plant storage in Neolithic southeast Europe: synthesis of the archaeological and archaeobotanical evidence from Serbia. *Vegetation History and Archaeobotany*. 27: 31-44.
- GOMES, M. V. (2008a) – Padrão 9 (Vila do Bispo). Um monumento singular do Barlavento Algarvio. *Xelb*. 8 (1): 75-102.
- GOMES, M. V. (2008b) – Castelo Belinho (Algarve, Portugal) and the first southwest Iberian villages. *The Early Neolithic in the Iberian Peninsula. Regional and Transregional Components*. Oxford, British Archaeological Reports: 71-78.
- GONÇALVES, V.; MARCHAND, G.; SOUSA, A. C. (2006) – Mudança e Permanência do Mesolítico Final ao Neolítico. Os sítios da Baixa do Xarez (Reguengos de Monsaraz, Évora, Portugal). *IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Tomo II: 167-177.
- GOUFA, E.; CORREIA, F. (2016) – The Early and Middle Neolithic from Algarve (Portugal): the current state-of-art and its geographical distribution. *VI Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*. Póster. Granada.
- MIGUEL, L.; PEREIRO, T. (2018) – Lote 1 de Urbanização em Gafaria, Ameijeira, Lagos. Sondagens de diagnóstico. Relatório de Trabalhos Arqueológicos. Era Arqueologia, S.A.
- NEVES, C. (2019). – O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação. *Ophiussa. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*. 3: 5-26.
- PEREIRA, J. M. (2000) – Ameijeira uma ocupação neolítica no coração da cidade de Lagos. Abordagem preliminar. "Terrenos" da Arqueologia da Península Ibérica. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto. ADECAP. 8: 89-107.
- PEREIRA, T.; ANDRADE, C.; COSTA, M.; FARIAS, A.; MIRÃO, J.; CARVALHO, A. F. (2015) – Lithic economy and territory of Epipaleolithic huntergatherers in the Middle Tagus: The case of Pena d'Água (Portugal). *Quaternary International*, <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2015.08.081>
- PEREIRA, T.; FARIAS, A.; PAIXÃO, E. (2016) – Presenting LusoLit: A lithotheque of knappable raw materials from central and southern Portugal. *Journal of Lithic Studies*. 3(2). doi:10.2218/jls.v3i2.1455
- PORFÍRIO, E. (2016) – Renovação Urbana – 3ª Fase – Avenida Via V5, outros arruamentos e espaços urbanos (Lagos). Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos.
- SANTANIELLO, F.; BERLOFFA, A.; GRIMALDI, S.; MAFFEI, S.; PEDROTTI, A.; GIALANELLA, S. (2021) – Density measurements as a non-destructive approach to investigate the heat treatment of siliceous lithic artefacts. *Journal of Cultural Heritage*. 47: 117-122.
- SOUSA, A. C.; GONÇALVES, V. (2015) – Fire walk with me. O sítio da Cova da Baleia e as primeiras arquiteturas domésticas de terra no Centro e Sul de Portugal. In: GONÇALVES, V., DINIZ, M., SOUSA, A. C. (eds), *5º Congresso de Arqueologia Peninsular – Actas*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: 123-150.

# OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



## Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



## Série ERA Monográfica (2013 – 2021)



## Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)



Publicação de workshops

